

A POESIA DE ADÉLIA PRADO: RELIGIÃO, TRADIÇÃO E TRANSGRESSÃO **Neusa Cursino dos Santos Steiner (PUC / SP)**

Este texto é um excerto da dissertação de mestrado defendida em 2005, no programa de pós-graduação em Ciências da Religião da PUC / SP, e que teve por título “Um poder infernal: a poesia de Adélia Prado”.

A hipótese trabalhada na dissertação foi que é possível encontrar na poesia de Adélia Prado elementos que configuram transgressão e resistência às concepções negativas praticadas pela Igreja Católica em relação às mulheres. A mesma religião que oprime irá oferecer significados e símbolos capazes de viabilizar uma poesia de afirmação pessoal e, através dela, a expressão da poeta no espaço público. O suporte teórico valeu-se das teorias de gênero e religião e, das teorias junguianas, para as imagens dos poemas.

Fizemos uma adaptação privilegiando trechos do capítulo 1 e, em especial, dos capítulos 2 e 3 da dissertação, nos quais apresentamos poemas escolhidos em função do tema desenvolvido. Nossa intenção foi encontrar imagens e significados que pudessem expressar a herança de Eva e Maria na poesia adeliana, e o por que destes arquétipos estarem presentes na psique das mulheres, ainda capazes de interferir em suas ações e sentimentos? Será na fusão poética entre religião e erotismo que iremos nos aproximar de Eva e, por outro lado, o cotidiano feminino iluminado em versos, poderá nos trazer Maria na abordagem da poeta.

Quero começar por um poema no qual Adélia consegue evocar Eva e Maria ao mesmo tempo, Eva e Maria como arquétipos do feminino. Ela diz:

Meu coração bate desamparado / onde minhas pernas se juntam / É tão bom existir! / Seiva, vergônteas, virgens, / tépidos músculos / que sob as roupas rebelam-se. / No topo do altar ornado / com flores de papel cetim / aspiro, vertigem de altura e gozo, / a poeira nas rosas, o afrodisíaco, / incensado ar de vela / - a santa sobre os abismos - / À voz do padre abrasada / Eu nada objeto, / lírica e poderosa.¹ (Lembrança de Maio)ⁱⁱ

Rita Olivieriⁱⁱⁱ, entende que o erotismo, quando se exacerba na poética de Adélia, quando se transforma em prazer físico indomável, quando se exalta em experiência sensorial, é suficientemente forte para afastar o pensamento cristão de culpa em relação à sexualidade. O poema acima exhibe este recurso claramente, libertando Eva por sob a roupa, nos músculos tépidos e rebelados. Por outro lado, Eva é levada até o altar, e ali vertigem e gozo juntam-se à poeira das rosas, Maria. E as duas, Eva e Maria, estão na bela imagem “a santa sobre os abismos”. A poeta, nada objeta, “lírica e poderosa”, Eva e Maria, desejo e poder.

Apesar de suas contradições, a obra de Adélia não deve ficar compreendida apenas entre a transgressão e o conformismo. Creio que ela reflete as inseguranças que muitas mulheres brasileiras sentem, na absorção das profundas mudanças dos papéis sexuais seja na sociedade ou na intimidade. A aproximação de Adélia com o feminismo não é, portanto, uma impropriedade, mas poderá ajudar a elaborar nuances de sua obra que de outra forma ficariam perdidas. Em contraposição, esta mesma aproximação, nos remete a interrogar os estereótipos feministas e situar de maneira mais adequada os avanços de suas conquistas.

Eva ou a maçã no escuro^{iv}

A relação entre as mulheres e a Igreja Católica foi e continua sendo permeada de conflitos. As pesquisas feministas no campo da religião puderam evidenciar a existência de uma relação ambígua e contraditória entre as mulheres e suas religiões. Os espaços religiosos mostraram-se complexos, não se verificando que sempre funcionam como força conservadora em todas as sociedades podendo, pelo contrário, mostrarem-se mobilizadores, na medida em que as mulheres resistem ao seu poder disciplinador. Ou seja, existem análises reconsiderando a idéia de que a religião só contribuiu para a subordinação das mulheres, mas que estas, ao retomarem a trajetória e retrabalharem seus conteúdos poderiam, pelo contrário, promover um empoderamento feminino.

Adélia é um bom exemplo do que estamos colocando. Vejamos o que diz num poema:

(...)

No entanto, repito, a poesia me salvará. / Por ela entendo a paixão / que Ele teve por nós , morrendo na cruz. / Ela me salvará, porque o roxo / das flores debruçado na cerca / perdoa a moça do seu feio corpo /Nela, a Virgem Maria e os santos consentem /no meu caminho apócrifo de entender a palavra /pelo seu reverso, captar a mensagem / pelo arauto, conforme sejam suas mãos e olhos. / Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos, / porque temo os doutores, a excomunhão / e o escândalo dos fracos. A Deus não temo. / Que outra coisa ela é senão Sua Face atingida / da brutalidade das coisas? (Guia)

Considerada a princípio como a dona de casa que fazia poemas, a mãe de família religiosa que traduzia em versos seu cotidiano, Adélia mostra ao longo do tempo toda a força de sua persona. Sua relação com a religião que professa, ou com a sociedade em que vive, não é nada inocente, ou em outras palavras, ela não é mera tradutora de sentimentos femininos apáticos e submissos, mas é uma mulher questionadora de seu tempo, capaz de profundas ironias por sob um calmo olhar de mineira. Adélia reage com a poesia, como reagem as teólogas feministas, como reagem muitas mulheres sem nem mesmo saber, às imagens de um passado escrito, em parte, pela religião católica, e que ainda exerce sua influência de um modo ou de outro. Neste passado, Eva e Maria foram cooptadas pelos doutores da Igreja.

O mito do pecado original tem sido explorado por historiadores e historiadoras, feministas ou não. Eva, porém, tem sido considerada como um arquétipo menor pelas estudiosas de gênero, mas é ela que habita as profundezas da alma feminina. George Duby avaliando a importância de Eva afirma:

Eva é a heroína de uma história contada na época (séc XII) em toda parte por meio de palavras e imagens. Essa história figura na Bíblia, no começo do livro do Gênesis. Relata a origem do gênero humano, a fundação da ordem moral, da ordem social e fornece, em algumas frases, uma explicação global da condição humana.^v

Elaine Pagels, por sua vez, faz uma brilhante análise do mito de Adão e Eva e sua repercussão em nossas vidas. Ela conclui que:

Agostinho não só interpretou nas mensagens de Jesus e Paulo a sua própria “aversão à carne”, mas também afirmou ter encontrado no Gênesis a sua teoria do pecado original. (...) A partir do séc V a visão pessimista de Agostinho quanto à sexualidade, política e natureza humana se tornaria a principal influência no cristianismo ocidental, tanto católico como protestante, e desde então matizaria toda a cultura do Ocidente,

cristã ou não. Assim Adão, Eva e a serpente – nossa história ancestral – continuariam, muitas vezes em alguma versão da forma dada por Agostinho, a afetar as nossas vidas até hoje.^{vi}

Como bem acentua Uta Reike - Heinemann^{vii}, para Agostinho é a relação sexual, ou mais precisamente o prazer sexual que transmite o pecado de geração para geração. Para ele, Eva aceitou o que a serpente disse, como verdadeiro. Adão, por sua vez, aceitou o que disse Eva, mesmo que isto significasse cair em pecado, pelo motivo de não querer separar-se de sua companheira. E Heinemann conclui com ironia: o amor da mulher conduz o homem à ruína.

Adélia Prado, formou-se em filosofia depois que seus filhos estavam mais crescidos, tornou-se admiradora e estudiosa da teoria junguiana, passou a deter um conhecimento nada superficial sobre a trajetória da mulher dentro do catolicismo, e tece pacientemente seu posicionamento ao longo de vida, dos acontecimentos e experiências pessoais. Ela disse em palestra na PUC de São Paulo:

“Ainda que eu não saiba do que, eu me experimento culpada. Eu tenho culpa, eu sou culpada. Experimento também, sem tê-las escolhido, as vicissitudes da vida – as vicissitudes da minha condição. Estou no tempo, eu sou o próprio tempo, experimento desejo, efemeridade, analidade, o corpo, a vergonha, o limite. Enfim, experimento uma divisão original, eu já nasço dividida, diabolizada.”^{viii}

No entanto em sua poesia ela expurga esta divisão, esta culpa original, esta aceitação da vergonha do corpo, estes limites. A poesia é o veículo primordial por ela honrado, que liberta porque permite a expressão do que é e do que sente, permite um caminho apócrifo para ela dentro da Igreja. Por isto Adélia escreveu: (...) é em sexo morte e Deus / que eu penso invariavelmente todo dia. / É na presença d’Ele que eu me dispo / e muito mais, d’Ele que não é pudico / e não se ofende com as posições no amor. (...) (O modo poético)

Em entrevista Adélia disse: “O erótico, sendo experiência do humano, é a aceitação da carne, a celebração da vida, e a rigidez religiosa condena o corpo como o cárcere da alma, tem toda essa visão agostiniana do corpo. (...) Na poesia, não há diferença entre corpo e alma. Por isto, a poesia é salvadora, ela provoca o resgate. Diante da beleza, fica-se com a mente desarmada. É uma sedução. Então, o que na doutrina é castrado, se resgata via poesia.”^{ix}

É nesta dupla trilha que Adélia caminha: a realidade carnal e a imaginação.

Eliane Moraes^x afirma, na linha do pensamento de Bataille, que o erotismo desnaturaliza a sexualidade humana, porque não se realiza no plano puramente carnal, mas tem uma dimensão mental acrescentada ao carnal, tem uma capacidade de fabulação, está vinculado à imaginação. Se a fantasia é o princípio de toda a literatura, ela afirma, a ficção erótica ocupa aí um lugar privilegiado. O próprio Bataille disse:

A poesia leva ao mesmo ponto que cada forma de erotismo, à indistinção, à confusão dos objetos distintos. Ela nos leva à eternidade, ela nos leva à morte, à continuidade: a poesia é a *eternidade*. (grifo do autor)^{xi}

Através do elemento erótico-religioso em sua poesia, Adélia entra em contato com o feminino reprimido da psique, sem afastar-se da religião mesma que o condenou, mas reestruturando a imagem católica de mulheres assexuadas, para outra, dona de sua capacidade de sentir e expressar o desejo sexual. Não por caso, ela repete que a salvação

está na poesia. É ali, através das palavras transmutadas em imagens, em cenas, em metáforas, em sonhos, desejos e visões, que uma realização acontece.

Ela escreveu:

Como um tumor maduro / a poesia pulsa dolorosa, / anunciando a paixão. / “Ó crux ave, spes única / Ó passiones tempore”. / Jesus tem um par de nádegas! / Mais que Javé na montanha / esta revelação me prostra. / Ó mistério, mistério, / suspenso no madeiro / o corpo humano de Deus. (...) / Nisto consiste o crime, / fotografar uma mulher gozando / e dizer: eis a face do pecado. / Por séculos e séculos / os demônios porfiaram / em nos cegar com este embuste. / E teu corpo na cruz, suspenso. / E teu corpo na cruz, sem panos: / olha pra mim. / Eu te adoro, ó salvador meu / que apaixonadamente me revelas / a inocência da carne. / Expondo- te como um fruto / nesta árvore de execração / o que dizes é amor, / amor do corpo, amor. (Festa do corpo de Deus)

Aos olhos da poeta, Jesus é a consagração maior da vida encarnada, ele não é o noivo da virgem^{xii} tão somente, mas é aquele que resgata Eva e sua descendência – as mulheres – do castigo eterno em que se transformou o desejo sexual delas. Assim, o masculino é vital na poesia adeliana, na figura do marido, dos padres, dos santos, dos homens imaginários, e nestes na enigmática figura de Jonhatan, personagem por ela inventado e que habita poemas de uma determinada fase. Eva não será amaldiçoada, mas terá uma vida de prazer ao lado de Adão, desejará o corpo do homem sem medo, e isto será também a redenção.

Em 1991 ela disse em entrevista:

Assim, na poesia não há diferença entre corpo e alma. Por isso, a poesia é salvadora: ela provoca o resgate. Diante da beleza, fica-se com a mente desarmada. É uma sedução. Então, o que na doutrina é castrado, se resgata via poesia.^{xiii}

Através da poesia Adélia exerce a construção de si num processo contínuo, e é assim coloca no mundo uma figura de mulher que não muda para melhor mudar. Neste processo ela passa, entre tantas evocações determinantes em seu universo, pela figura da mãe, pela culpa religiosa desta, que vai sendo elaborada pela filha através de versos tão belos quanto certos.

Existe uma fotografia da mãe de Adélia na qual foi inspirado um poema que diz:

Quando minha mãe posou
para este que foi seu único retrato
mal consentiu em ter as têmporas curvas.
Contudo, há um desejo de beleza em seu rosto
que uma doutrina dura fez contido.
A boca é conspícua,
mas as orelhas se mostram.
O vestido é preto e fechado.
O temor de Deus circunda seu semblante,
como cadeia. Luminosa. Mas cadeia.
Seria um retrato triste
se não visse em seus olhos um jardim.
Não daqui. Mas jardim. (Fotografia)

Este poema lido enquanto olhamos a foto em questão, traduz de maneira precisa a angustia do feminino ferido^{xiv}, mãe e filha. Há um desejo de beleza que uma doutrina dura fez contido, eis uma imagem que nos remete de volta ao paraíso onde Eva foi condenada e

através dela as mulheres de tantas gerações. Podemos lembrar aqui as palavras sobre a sina das mulheres após o pecado original: *‘tudo que ela conceber no pecado se não for vivificado por Cristo, está destinado a sucumbir, alma e corpo.’* E também: *‘enquanto Adão a pariu durante o sono, como num sonho, Eva parirá os filhos de Adão na dor, como um pesadelo.’* A doutrina dura bane para dentro, para o reprimido, o desejo de beleza, o tempo da beleza, o Éden antes do pecado, Eva antes da condenação.

É na descrição da mulher do retrato, a mãe de Adélia, que encontramos a face desta dor contida, transformada em rigidez e amargura. A seriedade da boca a curiosidade das orelhas, o vestido preto e fechado. Depois, a frase mais intensa nos atinge demoradamente. E diz: *‘O temor de Deus circunda seu semblante, como cadeia. Luminosa. Mas cadeia.’* A pontuação usada dá dramaticidade, acentuando o clima repressivo religioso. A imagem é profunda e nos convida a ficar olhando aquele rosto em sua mudez para sempre fixada. É, porém, no final do poema que Adélia mostra elementos que demonstram sua delicadeza e força para superar este modelo de mulher. Ela diz: *Seria um retrato triste se não visse em seus olhos um jardim. Não daqui. Mas jardim. Novamente encontramos o mesmo recurso de pontuação para enfatizar o que deseja. Uma esperança aparece na visão do jardim. E ela ao cortar (‘Não daqui. Mas jardim’), está buscando superar a dor, a solidão, que emana do feminino da mãe. O jardim de Adélia é daqui, construído em palavras redentoras, como se ela dissesse novamente: “o céu é aqui mamãe”.*^{xv}

A integração do feminino ferido na psique ocorre através da luz colocada na figura da mãe, luz no sentido de visão direta e focada, no sentido de desnudar e observar. O olhar sem disfarces permite a diferenciação entre os sujeitos, fortalece a identidade daquele que elabora o processo, e assim permite a integração. Em outras palavras, integrar é também confrontar. Estas colocações nos ajudam a entender o movimento de aproximação e afastamento da figura mãe, e das doutrinas religiosas não assimiladas, que existem alheias à sua vontade consciente, mas permeiam o fluxo inconsciente presente nas imagens poéticas como um todo, num ciclo de diferenciação-integração-superação.

Eva, recuperada na poesia de Adélia, é a libertação da culpa feminina, a integração da sua ferida materna, a aceitação da sensualidade e carnalidade da mulher em si mesma, reinventando a prática católica como religião não comprometida com a opressão do feminino.

Maria: um altar erigido casa adentro

Um dos aspectos mais intrigantes e fascinantes em Adélia Prado, é a dificuldade em enquadrá-la em padrões, moldes mais comuns e pré-concebidos. Para muitos que leram e criticaram sua obra, ela é uma personalidade retrógrada, embora tenha talento. Mesmo assim, para tais críticos, seu talento é limitado pela temática repetitiva em torno de si mesma e de seu universo. Por outro lado, existem interpretações que colocam Adélia como mulher contestadora, uma libertadora de mulheres, apesar da insistência dela em afirmar que não gosta de carregar bandeiras, “carga muito pesado para mulher”, e apesar de afirmar claro e bom som, que a mulher deve ter papel secundário em relação ao homem. Ela disse:

(...)É o papel do serviço, o papel de servir o mundo. Quando Deus falou – ‘Eu quero nascer no meio dos homens’ – perguntou a Maria: ‘O que você acha? Ela: ‘Pode’. Um sim. Servir para que o mundo seja. O serviço para o grande acontecimento.^{xvi}

Como bem coloca Vainfas^{xvii}, à imagem das mulheres diabólicas (como a sedutora e fútil Eva), sobrepõe-se com o tempo, a imagem das mulheres inibidas, a das mulheres casadas, como virgens de segunda categoria. Vainfas explica que a Igreja foi obrigada a admitir o casamento como remédio, de maneira a aprisionar o desejo sexual, evitar o adultério e a impudícia, uma vez que não podia condenar todos ao celibato. A função do casamento era unicamente a propagação da espécie, sendo o esposo a “cabeça da mulher”, decidindo por ambos o momento da conjunção carnal. Cabia a mulher, porém, o sim, o consentimento.

O “privilégio” deste sim foi traduzido de diversas maneiras e, não é exagero dizer que ele ainda existe entre nós. Este “sim” implícito e envergonhado, este “privilégio” em exercer um poder às avessas, povoou a cabeça de muitas mulheres, e confundiu suas identidades até muito recentemente ou, para ser mais exata, ainda confunde. Afinal, por que as mulheres dizem sim a líderes de tantas religiões que continuam desmerecendo-as? Por que dizem sim aos ditadores da moda que torturam seus corpos, até que elas não se lembrem mais de ter prazer, mas apenas obedecer?

Adélia Prado faz uma interessante fusão no ambiente doméstico, entre a Eva carnal e a mulher que tem honra em dizer sim. Para a poeta é Maria, a mãe de Jesus que representa este sim, que representa este modelo e, nele, uma forma de poder. E é neste modelo de poder que se legitima a religião que a poeta professa, uma religião particularizada, uma religião de mulheres, revertendo um “sim” imposto e passivo em um “sim” pleno de ação e representação da vontade de fato. Através de Maria duas possibilidades podem ser analisadas nos poemas: a primeira é a que reafirma um altar porta adentro, o cotidiano como resistência e resposta ao modelo de confinamento e, a segunda, busca qual poder a poeta encontra simbolizado em Maria.

Segundo Maria Izilda Matos^{xviii} os estudos do cotidiano buscam um novo olhar na análise das cidades, menos como palco da história, espaços universais manipuláveis, e mais como local para trabalhar, rezar, divertir-se, observar, condicionando experiências individuais e coletivas, um tecido de memórias do passado, colhidas ao longo do tempo, tornando o que era invisível análogo ao que era tangível. É nesta construção de valores que se insere o cotidiano na poesia de Adélia Prado, não meramente o cotidiano como a descrição de atos banais e repetitivos. E é por isto que a poeta constrói eficazmente sua resistência aos dogmas católicos sem afastar-se da Igreja, pela sacração da casa e da mulher da casa.

Ao analisar o cotidiano e a voz feminina na prosa de Adélia, Janne Paiva^{xix} afirma que “Adélia é uma escritora cuja obra nasce visceralmente comprometida com a existência, ‘a partir da dimensão mais corriqueira da cotidianidade’. Corriqueira, mas totalizante, já que na vida cotidiana o homem (sic) está mergulhado por inteiro, dela participando com todas as dimensões de sua personalidade.”

Para exemplificar os poemas do cotidiano optamos por um bem conhecido. Ele diz: Há mulheres que dizem: / Meu marido se quiser pescar, pesque, / mas que limpe os peixes. / Eu não. A qualquer hora da noite me levanto, / ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar. / É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha, / de vez em quando os cotovelos se esbarram, / ele fala coisas como ‘este foi difícil’ / prateou no ar dando rabanadas / e faz o gesto com a mão. / O silêncio de quando nos vimos a primeira vez / atravessa a cozinha como um rio profundo. / Por fim, os peixes na travessa, / vamos dormir. / Coisas prateadas espocam: / somos noiva e noivo. (Casamento)

Este poema quando apresentado em palestras sobre Adélia Prado, sempre arranca sorrisos das mulheres e dos homens presentes. Talvez porque alguns e algumas se vejam retratados nele, mas a grande maioria porque encontra um certo tipo de atitude entre homem e mulher, que já não exercita mais. Parece mesmo que evoca em algumas pessoas

uma espécie de nostalgia, não exatamente do que foi vivido no passado, mas do que gostariam de ter vivido ou de estar vivendo. E o que existe no poema?

No poema existe a associação da relação homem-mulher com um ritual religioso. Existe o pescador, tal qual os discípulos de Jesus; existe o peixe, tal qual o símbolo dos cristãos. A cozinha é o local da liturgia, onde se faz o silêncio para acolher a harmonia entre homem e mulher. O silêncio é como um rio profundo, ou seja, pode fertilizar a relação do casal como o Nilo fertiliza as terras do Egito, ou, por outro lado, pode ser um desafio que une e separa duas margens diferentes, dois seres diferentes. Homem e mulher no poema estão em comunhão, não em fusão. Estão como duas margens do rio, como duas possibilidades permeadas de sentimento fluido. O fruto dessa comunhão é tratado com veneração: o peixe. Peixe-homem, peixe-mulher, noivo e noiva, o sexo na cama será o ápice do ritual. Coisas prateadas espocam.

Sem dúvida, no poema, está na mulher a ação que deflagra a religiosidade do momento. É porque ela diz *sim* aonde outras diriam *não*, que o momento acontece. Sem a anuência dela não haveria noivo e noiva, haveria outra história, talvez menos mágica, talvez menos erótica. Não é por encontrar um exemplo de submissão que as mulheres gostam deste poema, mas talvez por reconhecimento de uma força atuante, quando o que normalmente existe é passividade e resignação, ou pelo contrário, a obrigatoriedade da negação e revolta. Este não é o *sim* imposto por modelos externos, por teorias masculinas, pela moral construída sob bases que formatam limites aos fluxos da vida na mulher. Este é *sim* de quem assume as rédeas de sua vida e com ela pode fluir. Hoje é *sim*, amanhã pode ser não, porque amanhã é outro dia fora e dentro de si mesma.

Em outro poema ela diz: As galinhas com susto abrem o bico / E param daquele jeito imóvel / - ia dizer imoral – as barbelas e as cristas avermelhadas, / só as artérias palpitando no pescoço. ; Uma mulher espantada com sexo: / mas gostando muito. (Dia)

Outros versos representativos dizem: Ao meio dia, deságua o amor, /os sonhos mais frescos e intrigantes, /estou onde estão as torrentes. /Ao redor da casa grande espaça um quintal sem cercas, /tomado de bananeiras, só bananeiras, /altas como coqueiros. /Chego e é na beira do mar encrespado de correntezas, /sorvedouros azuis./Há um perigo sobre faixa exígua /que é de areia e é branca. /Quero braceletes /e a companhia do macho que escolhi. (Canícula)

A mulher que habita a casa, portanto, gosta de sexo. Embora ainda se surpreenda com o desejo, ela não o afasta de si constrangida, mas pelo contrário, mantém seu desejo ativo, participante, determinado. Não se vê na poesia de Adélia, a mulher como objeto sexual a ser admirado passivamente, a mulher que apenas realiza os desejos sexuais do homem. A mulher está onde estão as torrentes sexuais, mesmo que seja no quintal da casa, na cozinha, no terreiro observando as galinhas. Os sonhos não estão apenas simbolizando o reprimido, o que não é vivido por medo ou vergonha, mas eles também deságuam enfrentando perigos. A mulher que habita a casa tem o direito de escolha, e só a liberdade traz esta capacidade.

O primeiro significado se cumpre, exaltar um altar casa adentro, para nele realizar a segunda tarefa: celebrar o poder de Maria, Maria como Grande Mãe, como mulher de sabedoria, e não, como afirma Uta Renke-Heinemann, aquela da qual a Igreja roubou tudo. Heinemann^{xx} afirma sobre Maria:

Não lhe permitiram conceber seu filho através do amor de um homem, teve de ser o Espírito Santo, e não pôde haver prazer. (...) Assim ela foi transformada numa espécie de criatura assexuada, à sombra de uma esposa e mãe, reduzida a sua função na história da salvação. Só ganhou vida real pelos senhores da criação na medida necessária em que atendesse a sua função. Tudo o mais lhe foi negado.

É no livro Oráculos de Maio que a poeta resgata imagens de sua mãe carnal ao lado de Maria sua Mãe espiritual, dedicando a elas versos de uma beleza simples e certa. Maria como símbolo da rosa é, assim, enaltecida: Agora é definitivo: / uma rosa é mais que uma rosa. / Não há como deserdá-la de seu destino arquetípico. (...) (Teologal) Ou também quando diz: Aí está a rosa, / defendida de lógica e batismo, / a inquebrantável, / a Virgem! (Maria) O poder de Maria está representado junto de outras mitologias como explica Esther Harding^{xxi} que cultuam a Grande Mãe e seu filho, sendo Virgem observada aqui no sentido de uma em si mesma, e não de castidade. Em outro aspecto, segundo Erich Neumann^{xxii}, a Grande Deusa está frequentemente ligada a um símbolo vegetal. Na Índia e no Egito com a flor de lótus; a grega Deméter e, posteriormente a Madona, com a rosa.

Mas é no poema “Pedido de Adoção” que a relação entre a mãe terrena e a mãe divina, fica mais explícita. Ele diz:

Estou com muita saudade
de ter mãe,
pele vincada,
cabelos para trás,
os dedos cheios de nós,
tão velha,
quase podendo ser a mãe de Deus
– não fosse tão pecadora.
Mas esta velha sou eu,
Minha mãe morreu moça, os olhos cheios de brilho, a cara cheia de susto.
Ó meu Deus, pensava
que só de crianças se falava:
as órfãs. (Pedido de adoção)

É numa delicadeza bem construída de imagens, que a poeta nos conduz pelas figuras de mães, ela própria, já velha, a mãe de si mesma. Ou a sua mãe que morre com ‘os olhos cheios de brilho e a cara cheia de susto’, uma possibilidade de vida precocemente interrompida, uma impossibilidade de ter compreendido a vida de fato vivida. Ou ainda a Mãe Divina a quem se pede adoção, não como crianças, mas sim como mulheres em redenção.

Na medida em que a poeta vai retomando a vida das mulheres, em seu universo doméstico, na medida em que vai construindo um altar casa adentro, ou seja, ressignificando a religião, é que ela transmite a quem lê seus versos, a percepção de liberdade, até mesmo de rebeldia. Ao trazer Maria, apesar da dubiedade envolvida, o que prevalece é a recuperação de um poder feminino primordial na figura da mãe de Jesus, em detrimento da virtuosidade apagada com a qual a Igreja a impregnou.

Conclusão

A religião na poesia de Adélia é viva, não é repetidora de conceitos e dogmas estabelecidos. Seus versos são diálogos com as incertezas femininas mais profundas e arraigadas, uma conversa longa e interminável com a divindade, com a Igreja, com a existência encarnada da mulher numa união impensável: o corpo de Eva e a alma de Maria.

As concepções negativas que a Igreja elaborou para as mulheres são confrontadas nas poesias, com a criatividade do princípio feminino da psique, fazendo um mergulho nos conflitos, para dele sair modificada. Nesta poesia encontramos tanto a angústia da mulher

reprimida pela cultura e pela religião, como sua capacidade de resistir e agir, sem que nada disso esteja num discurso político, mas se afirme por elaborações de imagens que residem na psique, a espera de reconhecimento e libertação.

Não foi apenas por recuperar e dar significado ao cotidiano das mulheres, inferindo ali uma espécie de poder, criando pontes entre a casa e a cidade, a casa e a paróquia, a casa e as festas populares, ou mesmo apontando belezas que nos passariam despercebidas, que é atraente a poesia de Adélia para as mulheres atuais. O que atrai, traduzindo as inquietações de nosso tempo, é a religião permeando tudo, num conflito ambíguo da poeta entre entrega e resistência ao Catolicismo, a uma religião que se desenvolveu nutrindo pelas mulheres, espanto e temor, e que contribuiu definitivamente para a formação da identidade destas.

Adélia Prado em sua poesia não está exercendo revolta contra o masculino, não está promovendo confronto entre o público e o privado numa reafirmação deste em detrimento daquele. O que a poeta faz, e muito bem, é refletir os conflitos mais profundos da psique das mulheres, mas sem engajamentos. Como poesia, sua obra cumpre bem o papel de suscitar no leitor ou leitora, diferentes questões e respostas, até mesmo contraditórias. Como mulher, a poeta demonstra que a religião em sua vida é uma apropriação capaz de reformular imagens, fundar reinos e retomar poderes. Sua persona pública é a prova cabal disto.

ⁱ PRADO Adélia, **Poesia Reunida**, 10ªed, São Paulo: Siciliano, 2001. (todos os poemas citados neste texto estão nesta edição)

ⁱⁱ os títulos dos poemas estão sempre no final destes, entre parênteses

ⁱⁱⁱ OLIVIERI, Rita de Cássia, **Mística e Erotismo na poesia de Adélia Prado**, TD, FFLCH, USP, 1984, p199

^{iv} título inspirado no livro de Clarice Lispector **A maçã no escuro**.

^v DUBY, George, **Eva e os padres**, s/ed, São Paulo: Cia. das Letras, 2001

^{vi} PAGELS, Elaine, **Adão, Eva e a Serpente**, s/ed, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p197

^{vii} RENKE – HEINEMANN, Uta, **Eunucos pelo reino de Deus**, 3ªed, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996, p 90 e 199

^{viii} PRADO, Adélia et al, inTENÓRIO, Waldecy (org), **O simbólico e o Diabólico: dramas e tramas**, s/ed, São Paulo: Educ, 1999, p21

^{ix} SANTIAGO, Carlos Henrique, **A volta da inspiração**, in o Globo, Rio de Janeiro, 17/08/1991

^x MORAES, Eliane, palestra transmitida pela TV Cultura – SP, em 23 / 05 / 2005

^{xi} BATAILLE, George, **O Erotismo**, s/ed, São Paulo: Arx/Siciliano, 2004

^{xii} HARDING, Maria Esther, **Os mistérios da mulher**, 1ªed, São Paulo: Paulinas, 1985, p 202. a autora afirma que “ o tema da união com Cristo como amante divino, amante celestial, noivo da alma, impregna muitos dos escritos dos santos. Os termos pelos quais essas experiências místicas foram relatadas, não deixa de ser uma experiência espiritual ligada a um envolvimento erótico real, embora não com parceiro humano.

^{xiii} SANTIAGO, Carlos Henrique, **A volta da inspiração**, in O Globo, 17 // 1991

^{xiv} O feminino ferido aqui, diz respeito às imagens formadas na psique com relação ao princípio Feminino, na medida em que estas imagens foram fundamentadas em desvalorização e demérito deste princípio. No caso das mulheres, este demérito está vinculado também à representação delas na cultura e sociedade, às imagens que daí são formadas.

^{xv} Frase do poema “Moça na sua Cama”

^{xvi} Cadernos de Literatura Brasileira, Instituto Moreira Salles, nº9, 2000, p43

^{xvii} VAINFAS, Ronaldo, **Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão**, p 39

^{xviii} MATOS, Maria Izilda, **Cotidiano e Cultura**, s/ed. São Paulo: Edusc, 2002, Cf:32-34

^{xix} PAIVA, Janne Márcia Augusto, **A Comunicação na prosa poético-jornalística de Adélia Prado**, TD, PUC / SP, 2003, p 47

^{xx} RENKE-HEINEMANN, Uta, op cit, p365

^{xxi} HARDING, Maria Esther, op cit, p48

